

ESTUDO DE FENÔMENOS SOCIAIS NA PERSPECTIVA DAS TEORIAS DA PRÁTICA A PARTIR DOS APONTAMENTOS DE SILVIA GHERARDI

Fabiana Regina Veloso Bíscoli¹

Roberto Bíscoli²

Resumo: Os Estudos Baseados em Prática (EBP) oferecem uma perspectiva desafiadora para o entendimento dos fenômenos sociais. Silvia Gherardi (2000; 2001; 2009a; 2009b; 2011; 2012; 2014) representa uma relevante contribuição nos estudos sociais, especialmente aqueles dedicados aos estudos organizacionais, desenvolvendo argumentos para uma epistemologia da prática, colocando a prática como unidade central da análise dos fenômenos sociais. O objetivo deste ensaio teórico é apresentar a abordagem da prática em Gherardi, a partir do estudo da prática situada, mediada pelas dimensões histórica, cultural, discursiva e estética. Nesta perspectiva, compreende-se uma realidade complexa que revela uma ordem social que acontece no fazer cotidiano das práticas. Esta organização em torno da prática tanto é constituída por sujeitos quanto os constitui, num processo de negociação, imerso num contexto de relações entre humanos e não humanos, legitimando normas, regras, valores, discursos, desejos e ações que são materializados em artefatos simbólicos e objetos. Deste modo, Gherardi demonstra que a prática, como um fazer social, coletivo, cotidiano, revela o conhecimento socialmente construído, e permite estudar os fenômenos sociais nas suas condições de produção, manutenção e transformação.

Palavras-chave: Prática; Epistemologia; Prática situada.

Abstract: Practice-based Studies (PBS) offer a challenging perspective for the understanding of social phenomena. Silvia Gherardi represents an important contribution to social studies, especially those devoted to organizational ones, developing arguments for an epistemology of practice, putting the practice as the central unit of the analysis of social phenomena. This theoretical essay aims at presenting the approach to practice in Gherardi, from the situated practice study, mediated by historical, cultural, discursive and aesthetic dimensions. In this perspective, there is a complex reality that reveals a social order that happens in daily practice tasks. This organization around the practice both constitutes the subjects and is constituted of them, in a negotiation process, immersed in a context of relations between humans and non-human, legitimizing norms, rules, values, discourses, desires and actions, which are materialized in symbolic artifacts and objects. Thus, Gherardi demonstrates that the practice, as a social, collective and daily task reveals a socially constructed knowledge, and allows to study social phenomena in their production, maintenance and transformation conditions.

Keywords: Practice; Epistemology; Located practice.

¹ Doutoranda no curso de Administração da Universidade Positivo de Curitiba. Endereço eletrônico: fbiscoli@yahoo.com.br

² Professor do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Câmpus de Toledo; Mestre em Ciências Sociais. Endereço eletrônico: biscoli@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Silvia Gherardi é uma autora italiana que tem se dedicado à sociologia das organizações e à sociologia do trabalho na Universidade de Trento. É uma das fundadoras e responsável pela unidade de pesquisa da *Research Unit on Communication, Organizational Learning and Aesthetics (RUCOLA)*, que abarca como objeto central a aprendizagem e o conhecimento pela perspectiva da prática. Neste grupo foi criada corrente de estudos intitulada Estudos Baseados em Prática (EBP) (*Practice Based Studies (PBS)*), no campo dos estudos organizacionais, o qual passou a compor um crescente número de publicações internacionais.

A fonte de estudos que a autora utiliza para sua abordagem traz contribuições das teorias da ação, que indicam uma intencionalidade dos atores, da qual deriva uma ação significativa na tradição de Weber e Parsons; e também das teorias da prática, as quais entendem a prática como fonte de padrões significativos, como a conduta promulgada, realizada ou produzida, na tradição de Schutz, Dewey, Mead, Garfinkel e Giddens (GHERARDI, 2009a; 2009b; 2011).

Na base explicativa de uma epistemologia da prática, Silvia Gherardi quer explicar que a prática gera conhecimento, ou seja, ela é a unidade central de análise de fenômenos sociais. O conhecimento, neste caso, não é algo reificado, que está lá fora pronto para ser descoberto, mas o conhecimento se faz no exercício da prática, na interação entre sujeito e objeto. E ainda, este fazer prático está fortemente mediado por fatores históricos, sociais, culturais e estéticos, portanto, esta prática se constrói no nível intersubjetivo, embora possa ser reconhecido e reconhecível. (GHERARDI, 2009a).

A abordagem da prática representa uma contribuição com ponto de vista que foge do *mainstream*, oferecendo uma visão ontológica, epistemológica e metodológica alternativa para o campo da administração. Silvia Gherardi aponta para uma ontologia relacional, em que a realidade é contextual, é construída num contexto de relações que se dão entre sujeitos e entre sujeitos e objetos, rompendo dicotomias como mente-objeto, estrutura-ação, teoria-prática. Aliado a esta perspectiva, a epistemologia da prática coloca na realização prática o *locus* onde o conhecimento é gerado, socializado, mantido e transformado (GHERARDI, 2012). Coerente com esta perspectiva, para acessar o conhecimento prático está uma abordagem metodológica que se firma na análise histórica, situada no contexto social, cultural, político e econômico, mas um contexto concreto, situado no tempo e no espaço, materializado em discursos, artefatos, símbolos e objetos. Assim a análise da prática contribui para o entendimento da experiência situada, num fazer cotidiano, de práticas sociais. (SCHATZKI; KNORR-CETINA; VON SAVIGNY, 2005; NICOLINI, 2013; GHERARDI, 2012; GHERARDI; STRATI, 2014). Neste artigo pretende-se explorar e descrever a proposta de Estudos Baseados em Prática, de modo que contribua para estudos organizacionais.

1 BASE EPISTEMOLÓGICA PARA O ENTENDIMENTO DA PRÁTICA EM SILVIA GHERARDI

A autora apresenta a prática como epistemologia, posto que “se preocupa com as condições para a validade do conhecimento (lógica da verificação) ou, como no pragmatismo, com as condições para a produção do conhecimento (lógica da descoberta)” (GHERARDI, 2011, p. 51). Embora a autora reconheça os limites da proposta quando afirma que o “que ainda está além do seu alcance é o estudo das condições epistemológicas para a circulação do conhecimento, ou, em outras palavras, como o conhecimento se transforma através de seu uso, o que eu chamo de uma ‘lógica de transformação’” (op. cit.).

A autora constrói argumentos que levam a compreender que esta lógica da transformação designa uma epistemologia relacional entre o conhecer e o praticar, afastando, assim, o privilégio da ação como produto de atores em um determinado contexto e coloca-o como base para qualquer tipo de conhecimento.

Para chegar a esta suposição Gherardi (2011) apresenta a distinção entre teoria da ação e teoria da prática, mostrando que a intencionalidade dos atores gera uma ação significativa, localizando as fontes dos padrões significativos como conduta promulgada, executada e produzida no contexto social. “Assim, as teorias da prática assumem um modelo ecológico em que a agência é distribuída entre os seres humanos e não-humanos e em que a relacionalidade entre o mundo social e a materialidade pode ser submetida a inquérito” (GHERARDI, 2011, p. 51). Com isso, a autora explica que as teorias da ação conduzem ao entendimento da intencionalidade da ação e a teoria da prática busca mostrar o movimento da ação localizada num espaço e num tempo, no acontecer, ou no acontecendo, enquanto executada por uma rede de conexões, como na fenomenologia.

Para entender a conversão entre as propostas de Gherardi e a fenomenologia, cabe destacar que a fenomenologia aceita a existência dos fenômenos como dados no mundo, mas não aceita a ideia de que estes fenômenos representam, por si só, toda a universalidade do conhecimento. O conhecimento, segundo Husserl (1990), deve partir da consciência do sujeito que passa a refletir sobre os fenômenos. Na fenomenologia o conhecimento deve ir além de descrever múltiplas formas de espécies, formas e fenômenos, o conhecimento deve ser representado pelas relações de suas essências. Já como ciência, o que diferencia a fenomenologia das demais é a sua inquisição apriorística, ou seja, o que deve nortear qualquer acesso ao conhecimento é, antes de tudo, o questionamento, a reflexão que leva o pesquisador ao ver científico; portanto, não está nas ideias nem nas experiências, embora as vivências e os fenômenos existam eles servem de base para o sujeito ver, mas o simples ver não corresponde também ao conhecimento. O questionamento sim é apriorístico, e leva ao entendimento do que se vê.

A ideia fenomenológica de valorizar o movimento de tomar consciência sobre o que se vê, parece ser a relação com a prática proposta por Gherardi (2011). Na fenomenologia de Husserl (1990) a essência da redução fenomenológica será encontrada pela análise das correlações, das conexões entre essências, pela correlação que o pesquisador deverá questionar, refletir e instigar, intencionar. A fenomenologia entende que todo indivíduo nasce num mundo dado, repleto de fenômenos, que são a ele acessados por meio de vivências. Essas vivências são elementos que constituem os fenômenos, são também relações entre sujeitos. Estas relações entre sujeitos marcam, constroem e reconstroem os fenômenos. Deste modo, os fenômenos são significados culturalmente de modo intersubjetivo. Mas as experiências individuais também interferem na atribuição de sentido, pois cada sujeito no seu eu, no seu consciente, faz a sua interpretação do que está intersubjetivamente significado. Então, compreender qualquer fenômeno por meio do entendimento de suas essências, que são reflexo de uma construção intersubjetiva, pode ser investigado pela análise do individual.

Em seu artigo intitulado “Introduction: the critical power of the ‘practice lens’”, Gherardi (2009a) destaca a ideia de que prática é um termo que autores têm utilizado para se referir a fenômenos fundamentais da sociedade. Gherardi apresenta Bourdieu (1972), mostrando que o ponto de vista do ator depende do lugar que ele ocupa no espaço social, e ainda na relação entre o conceito de campo e *habitus*, no sentido de que eles funcionam completamente apenas em relação ao outro. Giddens (1989) é citado na sua análise porque discute o modo como as estruturas mais profundas organizam as práticas sociais, buscando conhecer as estruturas no sentido em que elas determinam as relações internas a um segmento social, ao tempo em que são determinadas por estas relações num movimento de recursividade. Lyotard (1979) representa outra base que contribui para o entendimento da prática como epistemologia desta autora, quando desenvolve a ideia dos movimentos discursivos ou jogos de linguagem. Assim também Foucault (1980), com abordagens sobre as genealogias de práticas, entendendo os saberes ou as práticas como resultado de relações de poder, de uma estrutura maior que envolve o sujeito em prática; Taylor (1995), que afirma que o mundo já traz significados com os quais o sujeito entra em contato no seu cotidiano e é chamado a articular o senso moral sobre tais significados; e Garfinkel (1967), que apresenta a tendência reflexiva da interação social que prevê a constituição do sujeito através das práticas e representações.

Ao analisar mais detalhadamente as ideias anteriores, a partir da contribuição de várias teorias, uma prática pode ser estudada em relação à sua recursividade, hábitos socialmente sustentados, ao conhecimento implícito em um domínio de ação, aos valores que dão a responsabilidade social para a

ação, e as formas comuns de realizar qualquer prática. Nesta conexão de abordagens sobre a prática, Gherardi (2009a) esclarece:

Dentro de um modelo ecológico, a prática pode ser descrita e analisada como uma textura de conexões em ação (GHERARDI, 2006), delineando um terceiro nível de análise, para além das práticas 'de fora' e 'de dentro', um nível que envolve a análise de práticas em termos de suas consequências intencionais e não intencionais, como e quando elas estão sendo praticadas. Por isso, a prática é vista como o efeito de uma malha de confraternização de interconexões em ação, ou como um 'fazer' da sociedade. [...] Este é o nível da reflexividade e reprodução da sociedade das práticas. (GHERARDI, 2009a, p. 116).

Um aspecto relevante na proposta de colocar a centralidade das práticas é um pressuposto que está presente em outras teorias mencionadas anteriormente, em que a reflexividade permite a constituição do contexto da prática, tanto quanto permite a reprodução social das práticas. O contexto situado das práticas é um aspecto-chave para conceber a epistemologia da prática, pois, para tornar as práticas o *locus* da realização social, o lugar onde os fenômenos sociais acontecem, é preciso perceber como ele é constituído. Ao lado desta concepção sobre contexto, é importante perceber que Gherardi reforça a ideia de que a prática é uma realização social que gera conhecimento, e este conhecimento é construído intersubjetivamente, trazendo a ideia de múltiplos atores que negociam todos os aspectos dentro de uma coletividade. E esse processo é o que possibilita a produção, reprodução e transformação da prática.

Novamente, percebe-se nas citações de Gherardi (2009a; 2011) que ela usa a concepção fenomenológica de construção do conhecimento. Assim, a autora passa a apresentar uma base de entendimento da realidade, citando a recursividade, também mencionada nas bases explicativas da teoria de estruturação de Giddens (1989). Mas aqui Gherardi adiciona outra explicação, e coloca a recursividade como algo que remete à ideia marxista de materialismo histórico dialético. Gherardi (2000) destaca a visão marxista do termo, a qual se dirige à prática como sendo tanto a nossa produção do mundo como o resultado deste processo. Assim, está presente a *episteme* do pensamento “relacional em que a prática é o *locus* para a produção e reprodução das relações sociais” (GHERARDI, 2011, p. 51).

Para melhor compreender esta base dialética, pode-se citar Marx e Engels (1998) os quais abordam a dialética como única possibilidade de conhecimento. Para estes autores, o conhecimento só é possível a partir do que está materializado, objetivado, do que existe no mundo material, negando, portanto, a existência das ideias. Os autores evidenciam a contradição existente na realidade, no mundo real, mas a contradição supera-se na síntese que é a verdade dos momentos superados. Assim, abre-se um espaço para a compreensão das contradições, e, neste espaço de contradições é possível perceber os momentos de reflexão e ação do sujeito. Por isso, o sujeito está imerso numa relação recursiva em que é envolto por influências do mundo real no qual se insere, mas também tem potencial de influência sobre este mundo material, quando reflete sobre ele.

Ao aprofundar argumentos sobre a base relacional da prática como epistemologia, Gherardi (2011) afirma que

a principal característica da prática como epistemologia relacional é o seu foco sobre a emergência das relações através da interação contínua e sua estabilização normativa. Não é só o sujeito e o objeto que definem um ao outro dentro de um contexto de interação, mas a relação entre o material e o discursivo surge como um único fenômeno no qual a materialidade é social. (GHERARDI, 2011, p. 52).

Gherardi (2009a; 2011) destaca que, nesta perspectiva, o sujeito é sempre o produto de condições históricas específicas, resultantes da prática anterior e transformado em prática atual. Em alguns dos seus trabalhos, e também em trabalhos de outros teóricos da prática, especialmente Schatzki (2012), Gherardi destaca ainda a filosofia de Heidegger sobre “ser e tempo”, segundo a qual o passado, o presente e o futuro estão sempre juntos na realização prática, de modo que o contexto de

constituição da prática faz transparecer a sua dimensão histórica e também reflexiva, contexto que permite a manutenção da prática pelos mecanismos de legitimação, normatização e perpetuação do seu contexto de realização social, assim como permite a transformação dela num contexto relacional, em que diversos atores se conectam numa realização coletiva e, ali, na realização cotidiana.

A autora resgata novamente a recursividade das práticas (GIDDENS, 1984) como o elemento que permite que ambos os profissionais e pesquisadores reconheçam a prática como prática, isto é, uma maneira de fazer sustentado por cânones de boas práticas (a prestação de contas normativa) e prática bonita (uma responsabilidade estética – conceito filosófico). Portanto, a prática se torna tal quando é socialmente reconhecida como um sistema institucionalizado do fazer, significado intersubjetivamente por causa do conjunto de relações ativadas para produzir essa prática e para sustentar a sua legitimidade e valor. Neste caso, o conhecimento sobre a prática é anterior ao praticante que irá colocá-lo em prática, isto é, executá-lo como atividade situada em conformidade com a lógica do contexto.

Em outras palavras, é no contexto historicamente situado de uma prática que o sujeito cognoscente, o objeto do conhecimento, e a sociomaterialidade estão envolvidos nos processos de ‘tornar-se’ através do qual suas identidades são materialmente negociadas e (re)confirmadas (CHIA, 2003 apud GHERARDI, 2011, p. 52).

Outro aspecto a ser destacado é a materialidade na compreensão da prática como epistemologia. Silvia Gherardi afirma que a prática torna-se prática quando é recorrente e funde-se em hábitos que devem ser negociados e reconfirmados constantemente; assim, as principais percepções ou especificidades da atividade tornam-se conhecidas da prática, tornaram-se familiares ao praticante pela repetição da prática: “eles tem sido equipados, de modo a provocar a sua utilização habitual. É agora que os artefatos, ferramentas, objetos e tecnologias entram em jogo, e, portanto, a relação com a materialidade” (GHERARDI, 2011, p. 55).

Desta explicação pode-se extrair dois aspectos fundamentais para a compreensão da epistemologia da prática: a repetição e a materialidade. Na repetição, a função de certas operações práticas é ajudar a não esquecer. Através da materialização a prática e todo o conhecimento gerado por ela manifestam-se sinalizando artefatos e tecnologias que simbolizam e concretizam a organização da prática, revelando e reforçando as regras, os símbolos, as relações, o contexto, o conteúdo da prática. Assim, ajudam também a lembrar o que vem depois desta atividade praticada pelo sujeito, ou seja, ajudam a perpetuar a prática, uma vez que transmitem uma “sensação de como os seres humanos e artefatos se entrelaçam para o desempenho fluido de uma prática”.

Para este entrelaçamento, Gherardi (2011) conclui que a

dinâmica de sintetizar representa a estabilização de uma prática – isto é, age sobre as circunstâncias na expectativa de que elas voltarão a ocorrer e, portanto, formam um conhecimento histórico e cultural que apoia a prática – se baseia tanto em elementos sociais como os materiais. Estabilização na materialidade ocorre através de ancoragens em práticas discursivas e tecnológicas, nos artefatos da prática, mas estes não são desconectados do processo cultural em que uma prática institucionalizada atribui valores éticos e estéticos para os modos de fazer e estabiliza-os como um sistema normativo (criando novos artefatos de prática tais como códigos, normas, sistemas de auditoria, regras). Finalmente, a prática é mais estabilizada por ser incorporada em uma textura de prática que a ação se conecta e se lembra. (GHERARDI, 2011, p. 56).

Como conclusão, a autora considera a prática como “um fenômeno emergente do emaranhado do saber e fazer [...] a epistemologia da prática permite a exploração adequada de conhecimento sensível e tácito promulgado em prática, juntamente com o corpo como uma fonte ativa de conhecimento, assim como a materialidade e as relações sociomateriais” (GHERARDI, 2011, p. 60).

Para resumir, a epistemologia da prática, da forma como Silvia Gherardi apresenta, consiste, pois, na prática como o *locus* onde os fenômenos sociais podem ser estudados e compreendidos. Este acesso se dá pelo entendimento da ordem social que se constitui nas práticas cotidianas. Estas práticas geram um conhecimento que revela aspectos abstratos dos fenômenos sociais. E o conhecimento é

construído na coletividade, nas relações entre humanos e não humanos (objetos), considerando as dimensões históricas e culturais, mas também trazendo o sujeito que participa com engajamento e responsabilidade na prática. Assim, evidencia-se uma ontologia relacional ou contextual (contexto de relações).

Alguns dos elementos que podem ser utilizados no estudo das práticas e dos fenômenos sociais serão explorados na próxima seção.

2 DESVELANDO O CONCEITO DE PRÁTICA EM GHERARDI

Gherardi é uma pesquisadora que tem se dedicado ao estudo das práticas de trabalho e aos fenômenos sociais. Ela tece em suas obras muitos aspectos que fazem parte do seu entendimento sobre compreender o mundo organizacional a partir do estudo baseado em prática (EBP). Após contato com as bases epistemológicas do seu conceito, apresentam-se brevemente as temáticas que circulam por entre as linhas do conceito.

Uma crítica positiva aos seus estudos apresenta esta perspectiva como mais ampla, menos reducionista, rompendo com a tradição dos estudos organizacionais. Geiger (2009) aponta a necessidade de resgatar o caráter coletivo, historicamente contingente, institucionalizado e normativo, tal como a visão desenvolvida por Gherardi (2006), quando a autora descreve que as organizações apresentam-se como surgimento histórico, socialmente construídas e interligadas por práticas. Aqui evidenciam-se os aspectos históricos e sociais como mediadores do conceito de prática. Ao lado destes, a atividade situada no contexto organizacional e os aspectos estéticos representam mais dois mediadores para o entendimento da prática, os quais serão revelados ao longo deste ensaio.

Consideram-se relevantes porque os elementos mediadores da prática não podem ser apreendidos isoladamente; pelo contrário, devem ser analisados numa perspectiva que rompe dicotomias sujeito/objeto, estrutura/ação, e assim por diante.

Gherardi (2000, p. 220) apresenta a prática como um “sistema de atividades [...], constituídas por incoerências, inconsistências, paradoxos e tensões”. Assim “a mente, a cultura e a sociedade são constantemente reproduzidas em sistemas de atividades”, que podem, portanto, ser descritos de várias formas: prática-como-trabalho (no que diz respeito à ação de um determinado processo de trabalho), prática como língua (no que diz respeito à linguagem profissional e interação dentro de um determinado processo de trabalho), prática-como-moral (no que diz respeito à política e ao poder dos diferentes grupos ou classes sociais envolvidos em um dado processo de trabalho). Percebe-se, novamente, a ligação estreita na mediação do social, do histórico e do político, representando a estrutura social como mediação importante no entendimento da prática.

Neste sentido, o sujeito, no seu praticar, significa a sua prática com base em aspectos pré-existent, mas também com base nas relações que estabelece ao desenvolver esta atividade, e ainda, põe em jogo os sentidos estéticos. Gherardi (2011, p. 53) considera que “a capacidade de ver um evento significativo é o efeito de uma atividade socialmente situada realizada através de práticas discursivas que empregam vocabulários profissionais específicas”. Para ela, a dimensão discursiva, assim como a materialidade, torna visíveis aspectos abstratos dos fenômenos sociais na prática. Estas são as duas categorias analíticas mais importantes para a apreensão do conhecimento gerado na prática e para a compreensão sobre o modo de organização que acontece na prática.

Sobre este aspecto a autora se reporta à ideia do jogo linguístico de Wittgenstein (1953), o qual traz a língua não como um fato social privado, mas os termos linguísticos surgem dentro de uma prática social de construção de sentido. Deste modo, continua a autora, participação de uma prática implica tomar parte em um jogo de linguagem profissional, dominando as regras e sendo capaz de usá-las. Ter um conceito significa que a pessoa aprendeu a obedecer às regras dentro de uma determinada prática. Atos de fala, como unidade de linguagem e de ação, são, portanto, parte de uma determinada prática, ao invés de descrições dessa prática.

É neste sentido que a linguagem não é apenas a expressão das relações sociais, mas também o meio para a sua criação; por isso, Silvia Gherardi (2009a; 2009b; 2011; 2012) utiliza a expressão práticas

discursivas. Gherardi e Strati (2014) ampliam a perspectiva das práticas discursivas nesta abordagem quando mostram que o sujeito precisa posicionar-se dentro de um contexto, dentro de um discurso, dentro de uma prática. Este posicionamento, mesmo quando mais ou menos consciente, torna a participação do sujeito reflexiva, o que possibilita a estruturação, a organização da prática. Quando o sujeito segue uma regra cegamente, sem pensar, sem raciocinar sobre ela, ou quando ele decide não segui-la, ele precisa conhecer as regras do jogo. Para seguir cegamente ele reproduz a regra já constituída; para contestá-la, quebrá-la ou modificá-la ele precisa conhecê-la e tomar posição neste jogo.

Outro aspecto, de certo modo interligado ao posicionamento, remete à ideia de apego e participação engajada na prática. Quando se posiciona o sujeito age com responsabilidade pelo processo da prática, seja para mantê-la seja para modificá-la. Este apego traz, ainda, outro elemento, o qual deve ser analisado para explicar a organização social na prática, e que está representado no “tomar gosto” pela prática. A autora relaciona este aspecto ao lado estético, ético, e emotivo da construção social. E, com isso, ela pretende

[...] ilustrar como o apego apaixonado de uma comunidade de praticantes para o objeto de sua prática torna-se a base do gosto de decisão, ou seja, uma conquista coletiva que permite praticantes avaliarem as várias performances de suas práticas de trabalho que, em sendo avaliada e contestada, são constantemente aperfeiçoados. (GHERARDI, 2009b, p. 536).

A autora esclarece que, mesmo esta característica que, aparentemente, é tão subjetiva, o tomar gosto é uma capacidade que pode ser aprendida, é um “efeito de uma prática social e um processo coletivo de aprendizagem e transmissão de conhecimento” (GHERARDI, 2011, p. 54). Esta referência social que o sujeito tem quando atribui sentido ou quando toma o sabor ou o gosto pela prática serve, segundo a autora, “por um lado, para enfatizar como um certo modo de praticar é sustentado por critérios estéticos (e éticos) intrínsecos e formulados durante a seu desempenho, e, por outro lado, como práticas discursivas situadas são intrinsecamente reflexivas, isto é, proporciona a sua própria responsabilidade” (GHERARDI, 2011, p. 55).

Novamente, a discussão está contextualizada no aprender, no significar e no compartilhar com outras instituições já formadas em torno de determinada prática. Assim, retoma-se a recursividade analítica na articulação dos elementos mediadores já tratados por Gherardi, como os aspectos estruturais, sociais, culturais e políticos, e também os aspectos discursivos, “conversando” com os aspectos estéticos, emotivos e éticos.

O tomar gosto parte da ideia sociológica do apego à prática, o envolvimento emocional do praticante à prática, dentro do seu contexto profissional, levando-o a uma relação prazerosa ou dolorosa, a qual é resultado de uma elaboração e compartilhamento coletivo.

O apego é não só a relação com o objeto da prática e dos sentimentos associados; é, também, a formação coletiva de gosto no momento em que os juízos estéticos de apoio à prática são formados. Gosto pode, portanto, ser concebido em termos de sabor de decisão, ou seja, uma atividade situada que repousa sobre a aprendizagem e saber como avaliar desempenhos específicos de uma prática. Apego é socialmente apoiado pelas respectivas das comunidades, que desenvolveram vocabulários e critérios específicos de gosto para se comunicar, compartilhar e refinar as maneiras em que tais práticas são decretadas (GHERARDI, 2009b, p. 538).

Esta perspectiva leva o pesquisador a compreender as práticas de trabalho observadas "de dentro", pois o que é de interesse para o pesquisador é o apaixonado apego intelectual, ético e estético que une temas a objetos, as tecnologias, os locais de práticas e outros profissionais. Gherardi destaca, ainda, que o pesquisador deve prestar atenção no olhar do praticante, ou de uma comunidade de praticantes, pois ele poderá demonstrar como a implantação de práticas discursivas é usada para expressar juízos estéticos, já que gosto é aprendido e ensinado como parte do “como se tornar um profissional”, e é realizada como processo coletivo, ou seja, uma atividade situada, tomando gosto, dentro de uma prática. “Por outras palavras, as práticas são significativas para os profissionais, que

podem ser objetos de amor ou ódio, e que sem dúvida constitui relações envolvendo-se emocionalmente” (GHERARDI, 2011, p. 57).

Gherardi (2000) acrescenta, ainda, o conhecimento adquirido ao longo da experiência anterior do praticante, o conhecimento transmitido através dos sentidos, aquele que recorre a situações anteriores e a um refinamento das sensibilidades em relação a essas situações. Com isso, a autora reforça a ideia da experiência, e que a prática reflete o aprendizado da lógica dessa prática, “o que Bourdieu chama de *sens pratique*, em oposição à lógica do discurso. Ao contrário da lógica do discurso, que funciona, tornando o trabalho do pensamento explícito de uma série linear de sinais, senso prático é pré-reflexivo” (GHERARDI, 2000, p. 216). A autora continua em suas colocações, trazendo Bourdieu no seu conceito de *habitus* (GHERARDI, 2011, p. 46) para mostrar que a prática pressupõe uma lógica que atribui o sentido de ordem e continuidade de uma organização, o que mantém o conhecimento prático dentro do *habitus*. E, assim, este conhecimento é resultado da história de práticas individuais e coletivas anteriores, produz “âncoras” históricas e garante a correção das práticas e sua constância ao longo do tempo de forma mais confiável do que as regras formais e explícitas. Ao mesmo tempo, a replicação da lógica da prática contribui para a sua transformação, simplesmente fazendo-a (ou tornando-a) explícita.

Estas contribuições trazem outros elementos importantes no conceito de prática de Gherardi, a saber, a espacialidade e facticidade, ambos inseridos novamente na mediação histórico-cultural-social. Segundo Gherardi (2011), cada prática está também interconectada a outras práticas, em uma textura, ou uma rede integrada. Portanto, a prática não se restringe às fronteiras da organização nem às fronteiras entre os diferentes profissionais. Aprender por meio da participação em uma prática permite entender que a prática cotidiana, o aprendizado, ocorre no fluxo da experiência, com ou sem consciência disso e, assim, pode-se dizer que “a prática é tanto nossa produção no mundo como resultado deste processo. É sempre produto de condições históricas específicas, resultantes da prática anterior e transformada em prática atual” (GHERARDI, 2000, p. 214).

O conhecimento, os sujeitos e os objetos do conhecimento podem ser entendidos como sendo produzidos em conjunto dentro de uma prática situada. O valor heurístico do conceito de prática reside na possibilidade de articular espacialidade e facticidade. (GHERARDI, 2001).

Com isso, a autora apresenta os “dois artefatos linguísticos” presentes no estudo de prática: conhecimento situado (espacialidade) e aprendizagem social (facticidade). O conhecimento situado refere-se àquele conhecimento construído na situação da prática, do fazer, permeado das relações que geram os significados aos praticantes. E a aprendizagem social corresponde ao aprendizado que é produto deste “situar” coletivamente, que recebe influências do coletivo e, ao mesmo tempo, recebe a significação resultante da reflexão do indivíduo no seu fazer. Portanto, saber e fazer estão juntos no entendimento de prática, não podem estar desconectados. Ou seja, a aprendizagem não pode ser entendida no campo individual, grupal e organizacional de forma distinta, mas como um único processo em que todos estão articulados simultaneamente (GHERARDI, 2006).

Nesta concepção, a autora relata os vários modos (facticidade) como a prática se apresenta no cotidiano, enfatizando a linguagem como um meio de criação e expressão das relações sociais, e também a ideia de senso prático como pré-reflexivo para mostrar que é preciso ordem e continuidade nas práticas cotidianas, o que a torna situada no tempo, na história e no contexto do praticar.

Assim, espacialidade e facticidade remetem à preocupação em sempre considerar o coletivo, o social, como mediador na análise de prática. Novamente, a conexão com a contradição no entendimento da realidade aparece, a atividade e a passividade do sujeito, o cognitivo e o emocional, as percepções mentais e sensoriais como partes da construção social e dos mundos sociais em que as práticas assumem significados e facticidade, o que leva a considerar “o como” (facticidade) e “o onde” (situada) a prática ocorre. Ao argumentar sobre estes elementos, Gherardi (2001) faz referência aos estudos da situação território, à teoria do ator em rede, aos estudos da tecnologia e à sociologia no que diz respeito aos elementos culturais na construção de significados compartilhados.

Ao discutir com o interacionismo simbólico a teoria da atividade, a teoria ator-rede, a sociologia da ciência e da tecnologia podem trabalhar juntas, dentro de uma teorização com base na prática.

Poderiam delinear um programa de pesquisa empírica para estudar como o conhecimento dentro do contexto de um ambiente de trabalho tem um significado construído e aprendido em conjunto, no sentido de como as pessoas, símbolos, máquinas e coisas produzem entendimentos que são simultaneamente estruturados e singulares. Ao concentrar-se na análise do conhecimento dentro de uma prática situada, é possível o estudo de onde o conhecimento é socialmente construído e como ele é socialmente construído, tanto como atividade quanto como passividade. (GHERARDI, 2001).

Esta ideia leva à concepção de textura, a qual é desenvolvida na prática a partir das relações contextuais em torno da prática. Assim, Gherardi (2001) novamente esclarece que os atores adquirem atributos das entidades em que se incluem, ou seja, os sujeitos se formam nas relações do seu praticar, e essas práticas acontecem em, por e através dessas relações.

Percebe-se, a partir das articulações anteriores, que o conceito de prática em Gherardi diz respeito ao discurso por meio do qual as articulações individuais e coletivas ocorrem. A prática é “a figura do discurso que permite que os processos de conhecer (*knowing*) e organizar (*organizing*) no trabalho estejam articulados enquanto processos históricos, materiais e indeterminados” (GHERARDI, 2000, p. 220-221).

A autora deixa clara a sua posição de que a prática discursiva é o elemento fundamental em uma teoria baseada na prática de aprendizagem (GHERARDI, 2000), uma vez que é a partir da atividade discursiva que o ator reflete sobre os significados que atribui à prática. A autora continua enfatizando que “práticas discursivas [...] também apoiam a formação de juízos estéticos e sua negociação dentro de uma comunidade ocupacional particular” (op. cit., p. 55). É neste discurso que se torna possível ao pesquisador localizar e situar a prática e a construção de significados pelo ator.

Um desdobramento do significado das práticas é a questão de que o conhecimento não é algo que as pessoas têm, ou estocam em suas mentes, mas que esse repertório é o resultado de uma série de processos coletivos que possibilitam o seu surgimento, compartilhamento e perpetuidade. (BISPO; GODOY, 2012, p. 14).

Novamente, a articulação entre os elementos mediadores torna-se evidente quando percebe-se que o intuito da autora é ir além do que está visível, ou seja, é articular com mediações estruturais, sociais, históricas, culturais e também estéticas, materiais, emocionais e éticas. Estes elementos, em conjunto, remetem ao que Gherardi entende por estudos baseados em prática, como algo que representa a construção coletiva, aprendido no processo de praticar, envolto em questões profundas que remetem a pressupostos que foram aprendidos e desenvolvidos na história do sujeito individual e coletivamente. Sugere-se, por fim, que é a partir desta concepção que se torna possível localizar aspectos que levam ao entendimento da cultura organizacional, relação que se pretende detalhar na próxima seção.

3 UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ESTUDO DA PRÁTICA

Gherardi (2000) retrata um cenário de construção teórica e metodológica de diferentes correntes de investigação, e a contribuição importante desta tradição à teorização com base na prática é a sua visão metodológica de que ela é um sistema de atividades no qual o saber não está separado do fazer. Além disso, a aprendizagem é uma atividade social e participativa ao invés de apenas uma atividade cognitiva (GHERARDI, 2000; 2011).

A autora desvela, então, as teorias que serviram de base para a formulação do seu conceito de prática. Partindo do interacionismo simbólico, passando pela teoria da atividade, teoria ator-rede, a sociologia da ciência e a sociologia da tecnologia, ela propõe uma teoria da prática como uma “teoria guarda-chuva”, sob a qual outras teorias possam ser desenvolvidas para a compreensão da prática como atividade situada, representando o significado compartilhado e historicamente construído pelos atores em suas redes de relações com o meio, no qual se construíram as práticas. Este contexto, portanto, é complexo e repleto de elementos que, juntos, auxiliam no estudo da prática como fenômeno social.

Gherardi (2009a) destaca que a metodologia de estudo com base na prática pode revelar desde os elementos superficiais, que representam apenas o que está visível, mas, especialmente, podem revelar

questões mais profundas quando adequadamente questionam ou desvelam elementos das práticas discursivas de uma ordem moral e estética. “Neste sentido, a prática revela o seu aspecto como instituição, o produto de uma ordem negociada que momentaneamente cristaliza um modo compartilhado de fazer e sustenta-o enquanto as premissas para sua mudança estão sendo definidas” (op. cit, p.123).

A autora delineou um programa de pesquisa empírica para estudar como o conhecimento dentro do contexto de um ambiente de trabalho se constitui nas práticas e corresponde a uma cultura que tem um significado construído e aprendido intersubjetivamente, no sentido de que as pessoas, símbolos, máquinas e coisas produzem entendimentos que são simultaneamente estruturados pelo contexto no qual se inserem e também estruturam este contexto (GEIGER, 2009).

Gherardi (2000) argumenta que, ao concentrar-se na análise do conhecimento dentro de uma prática situada, é possível o estudo localizando e identificando o modo como o conhecimento é socialmente construído como atividade e também como passividade. Como método de apreensão destas mediações, Gherardi (2001) sugere a etnometodologia com o objetivo de seguir o ator na sua prática, ou seja, relacionar toda a sua condição de sujeito no praticar, retratando, a partir do ator, as mediações que permitem entender o significado da prática para o praticante, localizando as relações do ator com o social, com o cultural e com os demais sujeitos envolvidos na prática.

O estudo de conhecer na prática pode seguir o mesmo princípio metodológico, afirma Latour (1987) para a análise da ciência como prática: “seguir os atores”, a fim de identificar as formas pelas quais se associam os vários elementos que compõem a sua vida social e mundo natural. Latour chama este princípio de etnometodologia (GHERARDI, 2001).

Nesta perspectiva, a autora desenvolveu um estudo que é referência metodológica e epistemológica na tradição de estudos da prática. Clegg (2008), um pesquisador crítico de referência internacional no campo de estudos organizacionais, comentou a obra *Organizational Knowledge: The Texture of Workplace Learning*, livro de autoria de Silvia Gherardi (2007), resultado de uma pesquisa sobre o significado de aprendizagem na construção civil italiana. Segundo a crítica de Clegg, o estudo retrata atenção sofisticada e sensível aos aspectos sociológicos e organizacionais sobre o que corresponde a um acidente na construção civil.

Em outras palavras, um acidente é um artefato de práticas qualificadas que são representadas pelos membros. É importante em trabalhos futuros para registrar este ponto fundamental, porque em sua trave toda a força de uma abordagem interpretativa para as organizações e sociologia. O positivista levaria a taxa de acidentes como um dado a ser explicado por outras variáveis, o interpretativista sabe que a taxa de acidente é um dado a ser explicado pelas práticas de construção social - e estas são muito mais complexas, confusas, realistas e interessantes do que qualquer estudo de variáveis pode permitir. (CLEGG, 2008, p. 302).

Emberson (2006) também apresenta o mesmo livro descrevendo a abordagem da autora:

Seu livro está organizado de modo a refletir o processo de pesquisa: o quadro teórico proposto e metodologia de estudo de caso em espiral que formam a contribuição deste trabalho se desdobrar ao lado de suas análises. Não há prêmios a portar aqui. Os dados tirados de estudos de segurança na indústria da construção civil italiano são usados para exemplificar como essa abordagem metodológica pode produzir um relato de ‘saber na prática’. O conceito de ‘segurança’ é mobilizado através de análises multi-nível de práticas materiais-discursivas. ‘Textura’ é apresentado como uma metáfora para descrever a conexão-em-ação da prática qualitativa dentro de um campo. ‘Tecendo’ descreve o ato de conhecer. O processo de investigação em espiral desliza para cima e para baixo os níveis de análise (individual, coletiva, organizacional, inter-organizacional e institucional). (EMBERSON, 2006, p. 225).

Observa-se a coerência e completude dos estudos de Gherardi. Segundo a autora, a etnometodologia como abordagem teórico-metodológica possibilita um entendimento mais detalhado e

mais profundo sobre os elementos mediadores da prática pesquisada, como, por exemplo, o modo como os praticantes desenvolvem e atribuem significados ao seu cotidiano, criando sentido ao que fazem e, ao fazer isso, estão refletindo um contexto social, histórico, cultural e estético.

Práticas não são apenas padrões recorrentes de ação (nível de produção), mas padrões de ações socialmente sustentadas (produção e reprodução). O que as pessoas produzem em suas práticas situadas não é apenas trabalho, mas também a (re)produção da sociedade. Neste sentido, prática é um conceito analítico que possibilita interpretação de como as pessoas alcançam ativamente ser-no-mundo. Uma prática não é reconhecida fora de seu significado criado intersubjetivamente e o que possibilita a reprodução competente de uma prática, repetidas vezes e, o seu refinamento enquanto praticada (ou o seu abandono) é a constante negociação do que pensa-se ser um modo correto ou incorreto de praticar dentro da comunidade de seus praticantes. (GHERARDI, 2009b, p. 536).

Nicolini (2009; 2013) é outro pesquisador do grupo RUCOLA, que tem se dedicado ao estudo da prática. Ele sugere a etnometodologia como uma possibilidade teórico-metodológica, pois propicia a investigação dos processos situados de aprendizagem nas organizações (NICOLINI, 2013). A etnometodologia parte da noção de que é importante compreender e apreender o modo como a existência social é organizada, analisando as práticas cotidianas, sempre localizadas nas interações sociais.

Gherardi (2014b) indica, ainda, a etnografia para captar vários dos aspectos da prática. A etnografia também é defendida como um método mais apropriado a pesquisas da prática na percepção de Schatzki (2005; 2015), um autor de referência nos estudos da prática, utilizado tanto nas abordagens de Nicolini como de Silvia Gherardi. Pode-se acionar Angrosino (2009, p. 30), que retrata a etnografia como a “arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças”. Trata-se da coleta de dados, feita *in loco* pelos etnógrafos, das experiências humanas vividas, os quais abrangem o estudo das vidas cotidianas rotineiras das pessoas da comunidade pesquisada.

Rosen (1991) enfatiza que a etnografia é mais do que um conjunto de técnicas de campo, é um método de investigação que combina conceitos teóricos-sociais com as técnicas de coleta de dados. Esta autora a destaca como uma abordagem interpretativa no estudo do processo social. Assim, o etnógrafo tem interesse em compreender como o processo de criação das regras é gerado, como os pesquisados atribuem significado às ações e como essas ações acontecem de modo padronizado no grupo.

Com isso, Rosen (1991) relaciona a perspectiva interpretativa do etnógrafo a uma visão construcionista social, segundo a qual a ordem social e os aspectos a ela relacionados são negociados e construídos na interação social. Portanto, “a realidade é um produto social, que não pode ser entendido para além dos significados intersubjetivos dos atores sociais envolvidos na sua promulgação (Berger e Luckmann, 1967; Geertz, 1983; Schutz e Luckmann, 1974)” (ROSEN, 1991, p. 5).

Mas as práticas são mediadas por diversos aspectos, e cada um deles pode exigir técnicas de coleta e análise distintas (NICOLINI, 2013; GHERARDI, 2012). A fim de dar conta de estudar a prática, Nicolini (2013) propõe um conjunto de conceitos que envolvem três movimentos básicos: um olhar interno nas práticas (*zoom in*), um olhar externo, capaz de discernir relações no espaço e no tempo (*zoom out*) e, a partir deles, a produção de inter-relações capazes de enriquecer o entendimento (*zoom interativo*). A ideia se pauta em olhar a prática a partir dela mesma, olhar a mesma prática externamente e, num terceiro momento, visualizar as interações possíveis entre interno, externo, tempo e espaço.

Para Nicolini (2013), operacionalmente, trata-se de um processo não linear, diferente das descrições de pesquisas que sugerem uma progressão ordenada da observação à interpretação dos dados e a redação. Exigem que o pesquisador perpasse vários ciclos de observação, análise e reflexão. Requer apreciar a textura das relações materiais e outras práticas nas quais a prática depende e é sustentada. Com apoio de um pacote teórico metodológico, o uso da alternância de análise da prática a ser pesquisada viabiliza o olhar sobre um conjunto de práticas, suas causalidades e conexões históricas.

Gherardi (2012) completa esta perspectiva sobre metodologias de pesquisa, trazendo os aspectos que envolvem o sujeito como um todo, os quais devem ser analisados o tempo todo, em cada discurso ou declaração coletada na pesquisa (corpo: sentidos, habilidades pessoais, comunicação, mente, relações múltiplas em tempo e espaço diferentes; objetos: tecnologias, artefatos), porque todos esses elementos (corpo, linguagem, conhecimento prévio, atores humanos e não humanos) constituem as atividades cotidianas; e mais, se relacionam com as práticas sociais mais amplas que têm impacto sobre as relações de trabalho diário e também são reproduzidas por estas relações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi apresentar a abordagem da prática em Gherardi, no campo de estudos organizacionais. Procurou-se detalhar os elementos que compõem o conceito de prática e suas bases epistemológicas e metodológicas para sugerir que os Estudos Baseados em Prática (EBP) podem representar uma contribuição teórica e epistemológica para estudar fenômenos organizacionais.

Procurou-se apontar uma visão que pauta os estudos nas práticas situadas, o que envolve análise dos diversos elementos mediadores desta prática, como a dimensão histórica, cultural, discursiva e estética. Nesta perspectiva, compreende-se que toda realidade é complexa e revela no fazer cotidiano das práticas uma ordem social. Esta organização em torno da prática é constituída por sujeitos tanto quanto os constitui, num processo de negociação imerso num contexto e relações entre humanos e não humanos, legitimando normas, regras, valores, discursos, desejos e ações que são materializados em artefatos simbólicos e objetos. Deste modo, a prática, um fazer social, coletivo, cotidiano, é a unidade central, em torno da qual a realidade é construída e entendida como processo social, numa perspectiva construcionista social.

Deste modo, compreender fenômenos e práticas que se desenrolam nas organizações significa buscar nas condições sociais desta realização social respostas para os motivos e o modo como eles acontecem no contexto das organizações. Uma compreensão mais ampla é fundamental para explicar a forma de organizar as práticas, assim também é preciso conhecer o contexto situado das atividades realizadas numa prática, as referências históricas e culturais que mediaram o conhecimento gerado nesta prática, as relações que configuraram o contexto situado em que esta prática se realiza e o modo como os praticantes negociaram e construíram coletivamente o conhecimento prático. E ainda, é preciso compreender este processo de construção de conhecimento prático nas suas condições de produção, manutenção e transformação.

REFERÊNCIAS

BISPO, Marcelo de Souza; GODOY, Arilda Schmidt. A etnometodologia enquanto caminho teórico-metodológico para investigação da aprendizagem nas organizações. **Revista de Administração Contemporânea** [online]. v.16, n. 5, p. 684-704, 2012.

CLEGG, Stewart. Book Review: Silvia Gherardi. *Organizational Knowledge: The Texture of Workplace Learning*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007. In: **Organization Studies, Aston Business School, UK & University of Technology**, Sydney, Australia, 2008, p. 29: 297.

EMBERSON, Caroline. The Open University School UK Negócios. Gherardi, S. (2006). *Organizational knowledge: the texture of workplace learning*. Malden, Oxford: Blackwell Publishing, 2006. In: **Prometheus**, v. 24, n. 2, june 2006.

GEIGER, D. Revisiting the concept of practice: toward an argumentative understanding of practicing. **Management Learning**, 2009, 40(2), 129-144.

- GHERARDI, S. Practice-based theorizing on learning and knowing in organizations. **Organization**, 2000, 7(2), 211-223.
- GHERARDI, S. From organizational learning to practice-based knowing. **Human Relations**, 2001, 54(1), 131-139.
- GHERARDI, S. Introduction: the critical power of the 'practice lens'. **Management Learning**, 2009a, 40(2), 115-128.
- GHERARDI, S. Practice? It's a matter of taste! **Management Learning**, 2009b, 40(5), 535-550.
- GHERARDI, S. **How to conduct a practice-based study**: problems and methods. Edward, Massachusetts, USA: Elgar Publishing Limited. 2012.
- GHERARDI, S. Organizational learning: the sociology of practice. In: EASTERBY-SMITH, M., LYLES, M. **Handbook of organizational learning and knowledge management**. 2. ed. MA: Blackwell, 2011.
- GHERARDI, S., STRATI, A. **Administração e aprendizagem na prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014, p. xvii-xxii.
- HUSSERL, Edmund. **A idéia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1990.
- MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- NICOLINI, D.; Articulating practice through the interview to the double. **Management Learning**, v. 40, n. 2, p. 195-212, 2009.
- NICOLINI, D. **Practice Theory, Work and Organization**: An Introduction. UK: Oxford University Press, 2013.
- ROSEN, M. Coming to terms with the field: understanding and doing organizational ethnography. **Journal of Management Studies**, 1991, 28(1), 1-24.
- SCHATZKI, T., KNORR-CETINA K., VON SAVIGNY E. (Eds.) **The Practice Turn in Contemporary Theory**. Routledge, London: Taylor and Francis e-Library, 2005.
- SCHATZKI, Theodore R. A primer on practices: theory and research. In: HIGGS, Joy; BARNETT, Ronald; BILLET, Stephen; HUTCHINGS, Maggie; TREDE, Franziska (Eds.). **Practice-based in education**: perspectives and strategies. v. 6. Rotterdam, The Netherlands: Sense Publishers. 2012, p. 13-26.